

PROJETO RÁDIO AGENTE

Luciano Catarino, Nathália Rosa, Michelle Ferrari e Caroline Silveira
Universidade metodista de São Paulo - UMESP

APRESENTAÇÃO

O projeto experimental “Rádio Agente” é um curso de rádio para jovens e adultos, a partir dos 17 anos, que deixaram de estudar entre a quinta e oitava série do ensino fundamental. O curso tem duração de um ano e permite ao aluno concluir a oitava série e conhecer os princípios de uma carreira profissional, neste caso comunicação em rádio. Com metodologia da Educomunicação, objetiva educar usando as possibilidades da comunicação aplicadas a educação.

Em dezembro de 2004 o “Rádio Agente” foi apresentado à Secretaria de Educação e Formação Profissional (SEFP) de Santo André, através do Departamento de Educação do Trabalhador (DET), que já desenvolvia desde 1997 cursos com elevação de escolaridade e formação profissional, a partir de 2002 chamados de Programa Integrado de Qualificação (PIQ).

O DET percebeu que os princípios do projeto experimental dialogavam com a proposta do PIQ e decidiu implantá-lo como curso de “Agente de Comunicação em Rádio”. A implantação se deu pela parceria entre a Organização Não Governamental Ação Jovem (AJA) e a Prefeitura de Santo André. A AJA desenvolve projetos em educação há três anos.

As aulas começaram no dia 04 de abril e vão até o dia 22 de dezembro deste ano. Por isso, o material apresentado mostra o primeiro bimestre de atividades com carga horária de 10 horas semanais. Compõe este material um radiojornal que apresenta a produção dos alunos.

A defesa deste Projeto Experimental não é o material concluído do curso, visto que o mesmo é anual.

O objetivo principal do projeto é preparar o indivíduo para o trabalho e cidadania através de um curso de rádio que aplique a comunicação no processo educacional.

Além disso, o curso também propõe apresentar à comunidade o rádio como um elemento motivador de cidadania e despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento e pela prática da linguagem radiofônica, com a finalidade de que, ao apreenderem tais técnicas, sejam multiplicadores da proposta ao dar continuidade ao projeto.

A fim de multiplicar a educomunicação, o projeto também propõe apresentar aos educadores este conceito para que eles o apliquem em suas aulas.

Justificativa

Historicamente as metodologias para transmissão do conhecimento valorizam o uso de algum elemento motivador. Na educação infantil, por exemplo, Friedrich Froebel atribui esse papel ao *brincar*, que segundo ele, deve ser uma atividade livre e espontânea da criança. No teatro do oprimido, Augusto Boal propõe o uso do teatro como elemento motivador para conscientizar os sujeitos de suas situações de

opressão, e provocar o auto conhecimento e a percepção da necessidade de serem livres.

Na Educomunicação a premissa é a mesma: um elemento motivador é vetor do processo de transmissão de conhecimento. O diferencial aqui é que esse vetor deve, necessariamente, ser um veículo de comunicação de massa – Rádio, TV, Jornal Impresso.

Nesse sentido, a comunicação, através do uso dos meios massivos, deve ser percebida como um instrumento que capacita os cidadãos ao exercício de sua cidadania. Para o educador Cipriano Carlos Luckesi a cidadania deve ser vista “como a possibilidade plena dos direitos e o exercício dos deveres por todos os membros de uma sociedade”. Isso implica a realização dos direitos civis, políticos e sociais. Além disso, cidadania é o exercício de deveres para a realização do bem-estar de todos os outros membros da sociedade.

Ainda segundo Luckesi, é a partir da compreensão do conceito de cidadania que se justifica o debate sobre o papel do rádio nas escolas. Para ele dependendo do grupo social em que está inserido e da forma como este meio de comunicação é conduzido, certamente ele será um elemento importante para a construção do conhecimento. Assim, entende-se que toda aprendizagem deve estar relacionada com o universo de conhecimentos do educando, de modo a permitir-lhe a formulação de problemas e questões relevantes e relacionadas ao seu futuro cotidiano profissional. Que lhe permita uma reflexão teórica e o confronto experimental com suas bases e com problemas práticos de natureza social e profissional.

A linguagem do Rádio tem suas bases em quatro elementos: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. A escolha de quais e quantos vão integrar a comunicação radiofônica depende, exclusivamente, do resultado que se pretende. O ouvinte deve entender, captar. Para isso, a escolha dos elementos depende do fazer-se entender pelo ouvinte. O uso apenas da linguagem sonora e o fato de o rádio trabalhar, no caso do ouvinte, com um único sentido, a audição, justifica seu potencial de meio de comunicação de massa mais popular e de maior abrangência. Isto o torna o único meio de massa que dispensa totalmente a necessidade de o público saber ler para que a comunicação com ele realmente se complete.¹

A característica da sensorialidade igualmente confere ao rádio uma especificidade vantajosa na comunicação. O rádio consegue, principalmente através da empatia, envolver o ouvinte com muita facilidade. Também faz com que ele crie uma espécie de “diálogo mental” com o emissor, pois desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia.²

Este contexto justifica o desenvolvimento de um projeto de Educomunicação, no Centro Público de Formação Profissional, no município de Santo André, que tenha o rádio como veículo motivador da construção de conhecimento e cidadania.

¹ ARNHEIM, Rudolf (1980)

² BONAVITA FEDERICO, Maria Elvira. (1982)

CAPÍTULO I - HISTÓRICO

Inicialmente o Rádio Agente seria realizado no Centro Público de Formação Profissional (CPFP) Armando Mazzo em Santo André, que desenvolve o PIQ em áreas relacionadas à construção civil. O curso funcionaria como oficinas paralelas às disciplinas já ministradas no CPFP.

No entanto, o DET representado por Antônio Balbino percebeu a importância de incluí-lo ao PIQ como um curso independente, elaborando um itinerário formativo, ou seja, criando competências através de módulos seqüenciados compondo uma carreira de qualificação profissional.

Durante este processo de apresentação, conhecemos a Aja e o Centro Público de Formação Tamarutaca, onde atualmente ministramos as aulas.

Neste momento, foi necessário reestruturar o Rádio Agente. Para isso foi necessário redirecionar o público-alvo e preparar as aulas considerando a elevação de escolaridade.

Programadas para serem iniciadas no dia 22 de fevereiro, as aulas estavam estruturadas para receber no mínimo 15 alunos. Em função da demora na contratação de professores e por uma divulgação não planejada, as aulas de todos os cursos começaram no dia quatro de abril.

Parcerias

A construção de parcerias parte do princípio de aproveitar as especialidades de cada instituição para que o resultado final seja mais satisfatório. Desta premissa a Universidade oferece um professor especializado em linguagem radiofônica como orientador e alunos do curso de jornalismo para aplicar as aulas e estúdios para realização de atividades práticas.

A ONG Ação Jovem, que desenvolve trabalhos em educação há três, tem maior proximidade com o público alvo dos cursos e disponibiliza integrantes para identificação de demanda e captação de alunos, além de administrar os recursos que a Prefeitura destina ao projeto.

A Prefeitura de Santo André investe recursos e profissionais da rede municipal de educação para orientar pedagogicamente o curso. Também oferece infra-estrutura para realização das aulas.

A aprovação do projeto Rádio Agente pelo Departamento de Educação do Trabalhador (DET) consolidou esta parceria entre a poder público, terceiro setor e universidade.

CAPÍTULO II – EDUCOMUNICAÇÃO

“Enquanto o discurso do professor representar um artifício desse enclausuramento social no qual o sujeito está inserido; enquanto o educador julgar que a realidade é a que ele recita nas salas de aula, é a que está representada nos

*manuais, nas enciclopédias, a comunicação estará comprometida. Estaremos, dessa forma, esquecendo-nos de que o que se aprende é unicamente aquilo que podemos viver”.*³

Nos dias de hoje, participar da esfera midiática é essencial para inserir-se no campo do que é visível e compartilhado socialmente. Nesse sentido, através de projetos de comunicação comunitária, grupos e comunidades têm se articulado para a apropriação das ferramentas de comunicação, colocando-as a seu serviço. Além de possibilitar que os grupos extrapolem a condição de meros consumidores de mídia de massa, estas práticas alimentam a reflexão coletiva, a coesão interna e a participação nas decisões públicas.

De acordo com o Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE), o conceito da educomunicação propõe, na verdade, a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar.

“No campo da pedagogia, não basta trabalhar com modelos éticos. Os comportamentos humanos não são derivados da natureza humana, eles estão ligados às expectativas sociais. Aos modelos pedagógicos e éticos contrapomos a necessidade de modelos sociais”.⁴

Neste contexto, a importância da construção de um espaço de cidadania sempre foi de suma importância para a sociedade. Hoje é necessário levar em consideração o avanço tecnológico e os meios de transmissão da informação. Daí a necessidade de rever os conceitos tradicionais de educação e comunicação. Pois “a formação do cidadão acontece nessa prática ininterrupta de se redesenhar o mundo interno, incluindo-se nele sempre novos conhecimentos capazes de fortificar não só o intelecto, mas também o caráter”.⁵

No contexto atual da sociedade da informação, o processo de construção da cidadania participativa deve incluir práticas educativas que propiciem as capacidades de utilização e apropriação dos meios de comunicação. Esta educação está ligada à elaboração de uma visão crítica da mídia, à formação de uma audiência ativa (que consegue reconstruir o significado das mensagens) e também à construção da capacidade de criar e interagir através dos meios e redes de comunicação.

O objetivo principal da Educomunicação é o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo, partindo do princípio que todos têm direito à informação.

Neste sentido, a escola deve procurar oferecer elementos para que os estudantes tenham acesso e possam se expressar de maneira reflexiva e lúdica através

³ Guimarães, Margaret de Oliveira, 2001.

⁴ Celestin Freinet

⁵ Guimarães, Margaret de Oliveira, 2001.

dos meios de comunicação. Discussões sobre a mídia são fundamentais para que os jovens ingressem na sociedade da informação como sujeitos ativos.

O Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, Profº Dr. Ismar de Oliveira Soares, explica a Educomunicação como um conjunto de ações destinadas a:

- 1 - integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação,
- 2 - criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos.
- 3 - melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

CAPÍTULO III - RÁDIO

O rádio foi escolhido para o desenvolvimento do projeto pela simplicidade de sua produção e linguagem: não exige cenários ou figurinos, não tem custo de impressão e nem precisa de equipamentos caros. Com linguagem simples, não é necessário que o receptor seja alfabetizado para que a comunicação se estabeleça.

Por ser um meio tradicionalmente de comunicação de massa, o rádio possui audiência ampla (atinge uma área enorme), heterogenia (abrange pessoas de diversas classes sociais, com necessidades diversas) e anônima (desconhecida no particular).

Em relação à produção de outros veículos – televisão, jornal impresso, internet – o rádio é a única possibilidade realizável para comunidades de baixa renda.

Nas rádios livres e comunitárias se aproximam as realidades de emissor e receptor, até chegando a mesclar esses papéis. Nelas, pela pequena potência dos transmissores, fala-se para um grupo de ouvintes próximos, procurando estabelecer uma via de mão dupla. Neste caso, a proximidade é incentivada inclusive pela participação de integrantes da comunidade ao microfone não só como entrevistados, mas também exercendo a função de comunicadores.

Sendo assim, o rádio é mais que um instrumento de comunicação. É, muitas vezes, um instrumento de poder e cidadania. O trabalho das rádios comunitárias que conseguem, por meio do exercício da cidadania (prestação de serviços, valorização da cultura local e discussão sobre temas de interesse comunitário), comunicar, integrar e até mesmo educar.

CAPÍTULO IV - EDUCAÇÃO DO TRABALHADOR

“O mundo do trabalho passa por mudanças significativas, que repercutem profundamente no mundo da educação. A generalização do uso e aplicações da microinformática; a compreensão do trabalho como algo além dos conhecimentos técnicos, envolvendo habilidades comunicativas e comportamentais; a necessidade da transferência de conhecimentos entre áreas distintas – todos esses elementos exigem a

*estruturação de uma educação profissional dinâmica, renovada, em sintonia constante com os movimentos do setor produtivo”.*⁶

A situação do ensino no Brasil aponta números alarmantes para um quadro surpreendente: de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 1996, 15.560.000 pessoas eram analfabetas na população de 15 anos ou mais de idade. Apesar de queda anual e de marcantes diferenças regionais e setoriais o excesso de analfabetos deve ser motivo constante de preocupação. Em São Paulo, no estado mais populoso do país, são 1.900.000 analfabetos. Deve-se notar que, de acordo com as estatísticas oficiais, o maior número de analfabetos é constituído de pessoas com mais idade, de regiões pobres e interioranas e provenientes de grupos afro-brasileiros. Muitos deles são candidatos aos cursos de suplência.

Embora as taxas de analfabetismo absoluto tenham diminuído no Brasil, as taxas de analfabetismo funcional ainda são bastante expressivas, cerca de 30%. Seguindo a análise dos conceitos, de acordo com a UNESCO (2001), analfabetos absolutos são considerados aqueles que não conhecem os signos do idioma, ou, se conhecem, os manejam precariamente. Já os analfabetos funcionais são aqueles que possuem habilidades básicas de leitura e escrita, porém insuficientes para se desenvolver no mundo letrado.

A necessidade de se priorizar os jovens e adultos, com políticas públicas de educação profissional está alicerçada ao fato de que eles fazem parte do objeto das ações voltadas à educação geral.

A manutenção de uma política que tenha como objetivos desenvolver educação básica em conjunto com a formação profissional, incentivando a continuidade e/ou retomada do processo de escolarização do trabalhador, traduziu-se em ferramenta fundamental para o combate as diferentes formas de precarização das condições de trabalho, pautados pela educação que pensa na formação integral do trabalhador.

O termo “educação profissional” tem uma história recente na educação brasileira. Ele foi introduzido à nova LDB, em 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira n. 9394/96), no capítulo III, artigo 39: “A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e a tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva”.

A Secretaria de Educação e Formação Profissional de Santo André, através do Departamento de Educação do Trabalhador propõe, desde o início de 2002, o Programa Integrado de Qualificação (PIQ) que visa articular a educação básica com a educação profissional numa perspectiva interdisciplinar.

Programa Integrado de Qualificação – PIQ

A Secretaria de Educação e Formação Profissional da Prefeitura de Santo André tem uma tradição com cursos profissionais desde 1997. Durante anos a oferta consistiu em cursos de curta duração abrangendo diversas áreas de conhecimento.

⁶ José Manuel de Aguiar Martins – Diretor Geral do SENAI/DN

A partir de 2001 o programa começou a ter uma estabilidade maior devido à sistemática dos convênios com ONGs experientes em educação profissional. Iniciou-se neste ano também a discussão e o desenho dos itinerários formativos.

A partir de 2002 implantou-se o conceito e a prática de itinerários formativos. Isto é, um mecanismo que permite ao aluno a realização de vários cursos dentro de uma determinada área, consistindo em uma formação mais ampla e com elevada qualidade. Desse modo, pretende-se atenuar as críticas de superficialidade dos conteúdos dos cursos de formação profissional associado à pequena carga horária.

Os cursos serão constituídos por módulos básicos e profissionalizantes, busca-se a valorização do estágio de conhecimentos acumulados pelos alunos trabalhadores, respeitando o ritmo e o tempo disponível para o aprendizado. A mobilidade dos cursos tem por objetivo possibilitar caminhos alternativos no percurso escolar, observando-se os padrões mínimos fixados para a sua organização e execução, viabilizando a realização de programas por etapas e propiciando aos alunos trabalhadores a construção de seu próprio itinerário formativo, progredindo em termos de capacitação e educação fundamental.

O Programa Integrado de Qualificação (P.I.Q.), além do conceito de itinerário formativo, contempla a elevação da escolaridade em 3 níveis: 1ª a 4ª do ensino fundamental; 5ª a 8ª e ensino médio. Iniciando com uma avaliação diagnóstica vai se construindo/tecendo as redes curriculares. No P.I.Q. os alunos ficam num prazo de no mínimo um ano (para os que iniciem no Programa no ensino médio) e no máximo três anos (para os que iniciem no Programa no primeiro nível).

Essa experiência aponta para uma perspectiva de formação profissional que se distancia do modelo de cursos de baixa carga horária e curta duração. Tem como objetivo aprofundar os conhecimentos relativos à área. Além disso, é preciso colocar em pauta a necessidade de maior apropriação do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade tendo como fio condutor a concepção classista do mundo do trabalho. Opõe-se, portanto, a uma política de educação profissional que caminha tão somente em consonância com as necessidades do mundo empresarial, divergindo assim da concepção de educação escola-produção.

O currículo deve apontar possibilidades para o trabalhador conquistar autonomia intelectual e busca constante pela informação deixando de ser refém do sistema escolar ou de uma única fonte de informações.

Assim, a seleção de conteúdos nas diferentes áreas se faz num processo coletivo, garantindo o que é necessário para a profissionalização e priorizando uma mudança de postura do educando perante a vida, a natureza, a sociedade. Dentro dessa proposta há a necessidade de criar condições para que os educadores possibilitem situações de aprendizagem que dêem conta desta articulação. Levantar os conhecimentos prévios dos alunos, os conhecimentos necessários ao exercício profissional e os conhecimentos para que o trabalhador conquiste a sua emancipação. Discutir, elaborar e tornar prático um currículo que dê conta da formação do jovem e adulto trabalhador significa atender suas expectativas e necessidades reais. Neste sentido é preciso, por um lado, romper com o saber meramente escolar e por outro com a visão utilitarista da formação profissional.

O que dará uma sustentação ao currículo é um conjunto de ações pedagógicas que possibilitem ao aluno entender-se como trabalhador cidadão e construtor de conhecimento no seu cotidiano.

Tendo como foco o mundo do trabalho dividido em classes sociais e sua complexidade o domínio da leitura, da escrita e de outras habilidades passa a ser mais um instrumento de sua formação integral. A articulação entre o mundo do trabalho e educação é objetivo que tem que estar sempre presente quando se pensa no processo de inclusão social.

O Programa, na sua totalidade, assenta-se nos seguintes três eixos, com seus respectivos objetivos: a Auto Gestão do Conhecimento, a Qualificação Técnica (articulação com os conhecimentos mais gerais) e a Perspectiva Política-Ideológica.

A Auto Gestão do Conhecimento é a principal meta pedagógica nas atividades de profissionalização. Quando o foco é a auto-gestão do conhecimento (ou “autonomia na aprendizagem”, ou “aprender a aprender”) estrutura-se todos os planejamentos para que os alunos consigam absorver e incorporar instrumentos que lhes permitam ser condutores na solução das suas necessidades de busca de conhecimento na vida profissional e pessoal. Essas necessidades são como constituintes de um projeto de vida, onde o aluno tenha consciência de si e de suas potencialidades tanto no campo pessoal quanto coletivo.

Dentro dessa perspectiva, a metodologia do programa considerará o desenvolvimento de um projeto de educação básica articulada com a profissionalização, a valorização do saber do trabalhador; construção coletiva e complementaridade das habilidades, conhecimentos e condutas e o desenvolvimento de itinerários formativos destinados à continuidade escolar e ao desenvolvimento profissional em módulos sequenciais e progressivos.

A auto-gestão estará sendo construída durante todo o processo educacional culminando na construção de um projeto. Para que esse processo se constitua há a necessidade de trabalhar com uma metodologia em que a pesquisa seja o foco do trabalho, a discussão em sala de aula se concretize através da problematização das questões individuais e coletivas, socializando as descobertas, os conhecimentos prévios do grupo, partindo para ampliação do conhecimento científico e para a constante busca do mesmo.

A Qualificação Técnica, no caso do P.I.Q., é concretizada com “matérias” específicas de cada ramo profissional e por matérias que são comuns aos diferentes ramos como redação, matemática, biologia.

Cada itinerário formativo deverá ser construído agora, incorporando os dados levantados na avaliação diagnóstica. Após a construção do itinerário, possivelmente o maior empenho exigido do educador será o como lidar com os diferentes conhecimentos, habilidades e valores encarnados nos diferentes alunos dentro de uma mesma sala de aula.

Já a Perspectiva Política-Ideológica cumpre explicitar a visão analítica de sociedade que fundamenta o propósito de construir com os alunos um senso crítico e de participação social.

Itinerário Formativo do curso de Agente de Comunicação

O Agente de Comunicação em Radio e TV atuará nos meios de comunicação como auxiliar aos programas de informação desenvolvidos pelos meios de comunicação da região.

Para isso, o aluno deverá cumprir um itinerário de formação de no máximo três anos, dependendo do nível de escolaridade que o estudante inscreve-se no programa. A área de Comunicação é composta pelo seguinte Itinerário Formativo:

- Primeiro ano (PIQ I): Núcleo comum, elevação de escolaridade de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental e no núcleo específico Comunicação Interpessoal (locução, cerimonial, falar em público). Módulo planejado para ser desenvolvido a partir de 2006;
- Segundo ano (PIQ II): Núcleo comum, elevação de escolaridade de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e no núcleo específico, Curso de Agente de Comunicação em Rádio;
- Terceiro ano (PIQ III): Núcleo comum, elevação de escolaridade de 1ª a 3ª série do Ensino Médio e no núcleo específico, Curso de Agente de Comunicação em TV. Módulo planejado para ser desenvolvido a partir de 2006.

Objetivo do curso

Possibilitar ao aluno uma formação que permita a análise e elaboração de ações junto aos meios de comunicação, sob os aspectos éticos, educativos e de cidadania.

Desmistificar os meios de comunicação e mostrar que a linguagem usada na mídia é simples e possível de ser trabalhada pelos alunos da região do Tamarutaca, em Santo André, além de dar voz àquela comunidade.

Atividade Social

O aluno poderá acompanhar o trabalho dos meios de comunicação, colaborar para uma melhor integração com a comunidade local e desenvolver trabalhos informativos na região onde mora sobre a importância e utilização dos meios de comunicação.

CAPÍTULO V - O CURSO

A primeira idéia do grupo era um curso no formato de oficina com três meses de duração. No entanto, após reuniões com o Departamento de Educação do Trabalhador surgiu a possibilidade de incluir o curso no Programa Integrado de Qualificação (PIQ) e ele passaria a ter um ano de duração. Por isso a grade curricular foi replanejada e os módulos ampliados. Neste novo formato o curso passou a ter carga horária anual de 292 horas.

Outra consideração importante para este planejamento foi conciliar as disciplinas de um curso com elevação de escolaridade, de 5ª a 8ª series, com as aulas de linguagem radiofônica. Além disso, os módulos consideram os diferentes níveis de

conhecimento de cada aluno e a melhor maneira de trabalhar a heterogeneidade em sala de aula.

Os módulos aqui propostos não obedecem a uma ordem cronológica para suas aplicações.

O primeiro bimestre corresponde a este Projeto Experimental de Conclusão de Curso. Nele foram trabalhadas partes dos conteúdos dos módulos 4 e 2.

MÓDULO 1: História do Rádio

- Resgate da história desde sua invenção;
- Conhecimento sobre a era do rádio;
- Análise da história do rádio no Brasil;
- Estudo das relações entre rádio e política (relações de poder);
- Levantamento do número de rádios no Brasil e seus respectivos donos;
- Estudo das relações entre rádio e religião e consequências sócio-políticas;
- Análise do espaço jornalístico na programação radiofônica atual e suas perspectivas.

MÓDULO 2: Linguagem Radiofônica

- Análise das características dos diferentes recursos do rádio (a palavra/ texto, música, trilha, jingle, programa político);
- Estudo dos gêneros radiofônicos (Rádio jornalismo, rádio popular, AM e FM);
- Discussão sobre as características da rádio na web (a perda de algumas características radiofônicas e a criação de uma nova linguagem, convergência das mídias, democratização da comunicação);
- Estudo dos gêneros jornalísticos (nota, crônica, opinativo, pauta, entrevista, reportagem, debate, revista, jornal, reportagem, reportagem especial, documentário);
- Análise e exercício da linguagem de programação ao vivo.

MÓDULO 3: Aspectos técnicos e legais para transmissão de rádio

- Conhecimento sobre os equipamentos e as formas de transmissão;
- Estudo do regulamento para montagem e funcionamento da rádio (rádio comunitária, comercial, escola);

MÓDULO 4: Produção em rádio

- Organização de pensamento para produção de textos claros;
- Adequação dos textos à linguagem radiofônica;
- Exercícios fono-articulatório para aprimoramento da dicção e impostação da voz;
- Estudo das características da programação de rádio (horários, ordem, público-alvo, tempo);
- Conhecimento das diferentes funções que envolvem os profissionais de rádio.

MÓDULO 5: Ética profissional e mercado de trabalho

- Conhecimento das áreas de atuação possíveis a partir dos estudos feitos no curso;
- Estudo do código de ética e dos manuais de rádio jornalismo;
- Análise do mercado de trabalho.

O planejamento também é feito bimestralmente. O quadro a baixo exemplifica é o Plano de Trabalho do Primeiro Bimestre do Curso.

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	AVALIAÇÃO
Que o aluno consiga escrever suas idéias organizadas com início, meio e fim	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura do texto: leitura, audição de histórias, escrever histórias - Intencionalidade: descrição de ambientes, análise da intenção de programas de rádio e TV - Pesquisa (autogestão): desenvolvimento de entrevistas e estudo do contexto 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos conteúdos produzidos, observando a estrutura - Observação do envolvimento do aluno com os conteúdos aplicados diariamente - Ficha de avaliação
Que o aluno consiga identificar as principais características da linguagem radiofônica	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir e analisar programas de rádio - Produção de textos “manchetados” (linguagem radiofônica): idéia clara no texto escrito 	<ul style="list-style-type: none"> - Observar em sala de aula a aplicabilidade da idéia clara no texto “manchetado” - Ficha de avaliação
Que o aluno escute rádio com mais frequência	<ul style="list-style-type: none"> - Falar sobre gêneros de programas de rádio 	<ul style="list-style-type: none"> - Observar os assuntos colocados pelos alunos e o material trazido para a sala de aula - Ficha de avaliação
Que o aluno traga para a sala de aula matérias que o incomodem de alguma forma para serem discutidas	<ul style="list-style-type: none"> - Nutrição midiática: projeto que consiste em um aluno por aula trazer uma matéria para ser discutida em grupo 	<ul style="list-style-type: none"> - Frequência da entrega do material - Apontamento das características que o fizeram trazer esse material - Ficha de avaliação

Orientação Pedagógica

“Se um aluno não se interessa, o professor não pode aceitar isso, isolando o aluno. Mas deve se perguntar: o que eu posso fazer para despertar o interesse dele? Muitos professores não estão preparados para essa tarefa”⁷.

⁷ Cipriano Carlos Luckesi

Em função da nova concepção do curso, foi necessário reestruturar e aumentar os planos das aulas para um ano letivo. Estas mudanças foram orientadas pela área pedagógica da Prefeitura de Santo André juntamente com a Universidade Metodista.

Os conteúdos foram definidos em conjunto com o orientador Cal Francisco. Para a sua aplicação, houve uma formação da Prefeitura de Santo André em um curso de 20 horas, que tinha como objetivo preparar todos os professores para desenvolver a filosofia do PIQ.

No primeiro dia desta formação, foi apresentado, a todos os professores dos diversos cursos do projeto, um histórico da educação profissionalizante de Santo André, a apresentação do Programa Integrado de Qualificação (PIQ) e uma explicação acerca da organização e funcionamento do Centro Profissional de Formação Tamarutaca.

A partir de então, as reuniões foram a respeito da formação dos professores de acordo com filosofia do PIQ. A coordenadora pedagógica do projeto, Roberta Aponi, apresentou instrumentos metodológicos para o desenvolvimento desse objetivo.

A questão que norteou as discussões foi o entendimento que todos os professores estariam ensinando pessoas que, em sua maioria, estavam fora da escola há muito tempo e que dentro de uma mesma sala teriam uma heterogeneidade de aprendizados.

Nesse sentido, entre os conteúdos destaca-se a preocupação de que os professores “aprendam a olhar” o aluno no processo pedagógico e não partir de modelos estereotipados e pré-determinados.

“Um olhar e uma escuta dessintonizada, alienada da realidade do grupo. Buscando ver e escutar não o grupo (ou o educando) real, mas o que temos na nossa imaginação, fantasia – a criança do livro, o grupo idealizado. Ver e Ouvir demanda implicação, entrega ao outro. Estar aberto para vê-lo e/ou ouvi-lo como é, no que diz, partindo de suas hipóteses, de seu pensar. É buscar sintonia com o ritmo do outro, do grupo, adequando em harmonia ao nosso”.⁸

Outra questão discutida nesta semana foi o processo de avaliação do educando, no qual enfatizou-se que o planejamento nasce na avaliação do processo, e que, portanto, é o instrumento principal para intervenção do educador. “O planejamento organiza, sistematiza, disciplina a liberdade a nível individual e coletivo. Ele nos dá paradigmas para o exercício da prática pedagógica. Através dele podemos agilizar respostas diante do inusitado para trabalhar a improvisação. Neste sentido, o planejamento alicerça a ação criadora”.⁹

Nesta semana de formação ainda foi apresentado aos professores o currículo do núcleo comum e do específico; e a orientação terminou com uma discussão entre os professores de cada núcleo.

A orientação pedagógica continua de forma permanente durante todo o curso formando 4 horas por semana na qual são apresentadas estratégias de didática e mecanismos para resolver os problemas ou questões diagnosticadas em sala de aula.

⁸ Madalena Freire – “Observação, Registro, Reflexão”. Material distribuído na semana de formação.

⁹ Idem – “Avaliação e Planejamento – A prática educativa em questão”. Material distribuído na semana de formação.

Avaliação e portfólio

*“A pedagogia transformadora apresenta nas suas práticas pedagógicas a pedagogia libertadora, que apresenta subjacente à sua teoria a formação da consciência política, de uma avaliação antiautoritária. Já a pedagogia libertária traz a autogestão, e a pedagogia histórico-crítica, a compreensão da realidade, dando prioridade à educação como instrumento de transformação, de formação para a cidadania”.*¹⁰

O processo de avaliação proposto pelo curso visa uma ação diferenciada por parte do professores. O objetivo é acompanhar, constantemente, a própria ação do educador através do seu planejamento. Assim, é possível constatar o que está dando certo ou não com os alunos.

A avaliação significa, então, repensar tudo que ocorre desde o primeiro momento do levantamento das hipóteses e a sua execução em relação ao planejado.

Assim, o processo de avaliação dentro do curso pode ser relacionado com:

1. Envolvimento do aluno com as atividades propostas (feitas diariamente nas aulas). Diagnosticar se existe integração ao projeto, se há um correto desenvolvimento dos exercícios, são feitas opiniões e participações freqüentes.

Avaliação Cidadã: buscar saber se o aluno está aplicando os conhecimentos, de que forma isto está sendo feito, qual a maneira que ele está “vendo” a mídia, se ele está sendo crítico, se está quebrando paradigmas.

2. Aos objetivos propostos bimestralmente. É definido junto com a orientação pedagógica e está relacionado com os conteúdos aplicados com a apreensão. Como o aluno está “lidando com o conhecimento?” Ele está conseguindo fundir os conhecimentos adquiridos?

3. Auto avaliação coletiva em classe

4. Portfólio do Aluno: Um arquivo com o melhor material produzido pelo aluno de todas as matérias durante todo o ano letivo. Na parte dos objetivos finais, o professor é responsável por preencher uma ficha a qual pode avaliar quanto do objetivo o aluno alcançou. Nele, é especificado os porquês e as estratégias desenvolvidas pelo professor para que o aluno alcance os objetivos em sua plenitude.

O portfólio não é por natureza um método de avaliação, é mais um elemento motivador. No entanto, é através dele que se consegue produtos que expressam a continuidade dos conteúdos aplicados.

Interdisciplinaridade

*“Os ”hiperespecialistas” são pretensos conhecedores, mas de fato praticantes de uma inteligência cega, posto que parcelar e abstrata, evitando a globalidade e a contextualização dos problemas”.*¹¹

¹⁰ Regina Shudo - especialista em Metodologia do Ensino.

¹¹ Edgar Morin – sociólogo e pensador francês

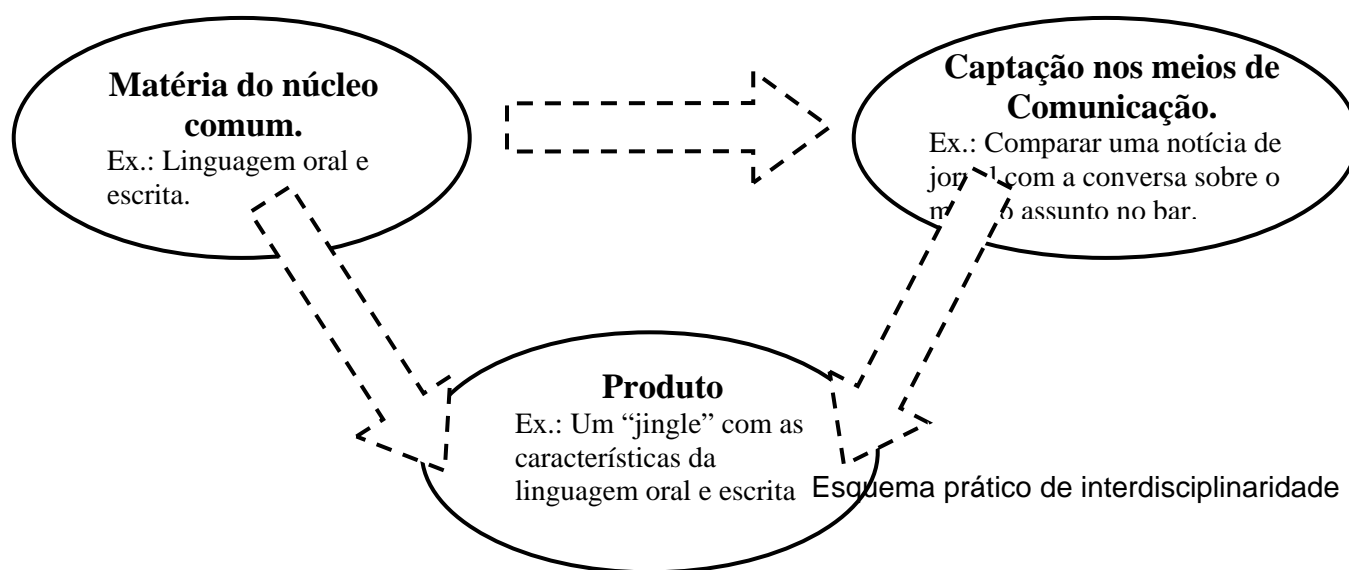
Um dos desafios das sociedades contemporâneas é lidar com os efeitos das tecnologias no cotidiano, no comportamento e na percepção das pessoas. Para isso, deve-se questionar o que essa população faz com as tecnologias, de que forma as absorve. É necessário valorizar a realidade do indivíduo, “considerá-los como protagonistas de sua história e não como receptores de mensagens e consumidores de produtos”.¹²

Neste contexto, as sociedades contemporâneas exigem um novo indivíduo “dotado de competências técnicas múltiplas, habilidade no trabalho em equipe, capacidade de adaptar-se a situações novas”.¹³

A educação se torna um instrumento de identificação destas questões e também um meio de transformação. Mas para isso, o sistema educacional não deve adotar a velha “cartilha” do ensino pragmático, “será necessário reformular radicalmente currículos e métodos de ensino, enfatizando mais a aquisição de habilidades de aprendizagem e a interdisciplinaridade”.¹⁴

A interdisciplinaridade é uma das diretrizes da Educomunicação. No curso de Agente de Comunicação em Rádio, os professores do núcleo comum e específico se reúnem quatro horas por mês para discutir a relação dos conteúdos entre as disciplinas.

O núcleo específico propõe o seguinte esquema de trabalho: os professores do núcleo comum pedem para que os alunos encontrem informações sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula nos meios de comunicação. Estas informações chegam até o professor, que discutirá a relação desta informação com o conteúdo aplicado e a realidade do aluno. Juntos, professor e aluno devem transformar estas informações e as novas concepções nascidas da discussão em sala de aula, em um produto formatado para os meios de comunicação – uma rádio novela, a primeira página de um jornal, um comercial de TV.



¹² Maria Luiza Belloni, 1999

¹³ Idem

¹⁴ Idem

Continuidade

*“Para reconhecer a continuidade do desenvolvimento humano é preciso compreender que este desenvolvimento é um processo natural de construção da consciência, que não ocorre de maneiras determinadas, mas de maneiras únicas. É preciso reconsiderar o respeito ao corpo, à natureza e à comunidade. Não podemos ignorar a necessidade humana de obter um senso de completude entre o homem e natureza, mesmo que em nossa cultura tendamos a substituir a natureza por uma realidade criada a partir de convicções puramente racionais e ideais que cada vez mais se mostram incapazes de criar um ambiente saudável e digno de se viver”.*¹⁵

Apesar da continuidade ser uma das premissas da educomunicação, ela é também um dos seus principais problemas, pois a dependência dos formandos para tocarem o projeto acaba enfraquecendo-o. Neste caso a importância do conteúdo aplicado pela educomunicação é tratada como inferior em relação às disciplinas do curso fundamental. Além do mais, o aluno dá continuidade aos seus estudos geralmente mudando para uma escola onde não existam trabalhos relacionados a educomunicação.

O projeto Rádio Agente é desenvolvido junto com o PIQ no qual o curso de Educomunicação em rádio é uma disciplina da grade curricular. Este processo garante o desenvolvimento do curso durante o ano letivo. No ano seguinte, o aluno continua estudando na área de comunicação e pode receber uma bolsa para desenvolver serviços na sua área de formação para desenvolver trabalhos sociais em sua comunidade na mesma área em que recebeu formação.

CAPÍTULO VI - AULAS

1ª Semana (04/04 à 06/04)

1ª AULA

Objetivo:

Interação entre alunos e professores para a formação de uma relação de confiança entre ambos.

Conteúdo:

1. Apresentação dos professores;
2. Explicação do curso (PIQ, Educomunicação, Rádio);
3. Pesquisa midiática (Discutir com a turma o que eles ouvem em rádio diariamente. Quais programas e TV assistem, assuntos de interesse – dentro da mídia – Ex: esporte, polícia, política, jornal, humor);

¹⁵ Janos Biro, 2005.

4. Apresentação de cd com erros em rádio e comentários (o que você faria no lugar do locutor?);
5. Dinâmica de apresentação dos alunos.

Aplicação:

Antes de começar a aula os professores pediram autorização aos alunos para que a mesma fosse filmada.

A apresentação dos quatro professores aconteceu de forma breve. Cada um falou sobre as atividades que desenvolve na área de rádio e contou um pouco de sua vida.

A explicação do curso (PIQ, Educomunicação, rádio) levou mais tempo do que o planejado, pois a turma não conhecia o formato do PIQ e surgiram muitas dúvidas com relação à habilitação, os produtos do curso de rádio, mercado de trabalho e educomunicação.

Nesta aula a pesquisa midiática não foi aplicada por falta de tempo. Já a apresentação do CD com os erros, no ar, de profissionais de rádio provocou muita descontração e surgiram varias hipóteses para resolver as situações apresentadas.

Na dinâmica de apresentação a classe foi dividida em duplas e cada aluno foi orientado a entrevistar um colega e depois apresentá-lo à turma. A surpresa surgiu quando os alunos souberam que a apresentação seria gravada. A maioria sentiu-se desconfortável, tensa e envergonhada, mas todos realizaram a atividade e divertiram-se comentando os resultados.

Conclusão:

Os objetivos propostos para esta aula foram alcançados de forma parcial, visto que, qualquer relacionamento de confiança não é determinado em uma atividade apenas. No entanto, o primeiro passo para isso foi dado com sucesso.

2ª AULA

Objetivo:

Organização do pensamento para produção de textos claros (textos que apresentem coerência e coesão).

Conteúdo:

1. Impressões dos alunos sobre a aula anterior.
2. Construir um texto a partir das respostas de perguntas feitas à classe.
3. Leitura em voz alta para relacionar a estrutura do texto com a interpretação do locutor. Exemplo (trecho da ultima edição do Repórter Esso).
4. Produção de textos em grupo. Destacar início, meio e fim do texto
5. Um aluno de cada grupo irá ler o que foi produzido pelo seu grupo.
6. Após a atividade cinco cada aluno escreverá uma história de algo que aconteceu com ele durante o dia. O texto não deverá ser assinado.
7. Os textos serão distribuídos aleatoriamente para que um leia a história do outro.

Aplicação:

Os alunos comentaram a aula anterior e demonstraram-se envolvidos com o projeto.

Como a proposta era demonstrar que a produção de textos é simples e está ligada ao cotidiano, as respostas dos alunos sobre questões do dia-a-dia de cada um foram organizadas em uma estrutura de início, meio e fim. O que resultou em um texto compreendido por todos.

A classe foi dividida em três grupos de seis pessoas e cada um desenvolveu o começo, meio e fim respectivamente de uma mesma história. O representante do grupo responsável pelo início foi o primeiro a ler o texto, acompanhado em seguida pelos representantes do segundo e terceiro grupo. Foram feitos comentários a respeito do exercício e da importância de um texto estruturado com começo, meio e fim.

Individualmente os alunos aplicaram a estrutura de começo, meio e fim em um texto sobre algo que aconteceu com eles naquele dia. As histórias não foram assinadas para que fossem distribuídas aleatoriamente e lidas pelos colegas.

Conclusão:

O objetivo foi alcançado com relação à compreensão da importância da estrutura para produção dos textos. No entanto, talvez pela falta de prática em ler e escrever, a turma demonstrou dificuldades em identificar a situação a ser descrita e, principalmente, em escrevê-la.

3ª AULA**Objetivo:**

Organização do pensamento para produção de textos claros (textos que apresentem coerência e coesão).

Conteúdo:

1. Impressões dos alunos sobre a aula anterior.
2. Estrutura \ enredo em histórias conhecidas.
3. Análise da estrutura \ enredo.
4. Elaboração de um texto individual que destaque o mais importante, para cada aluno, na história aplicada.

Aplicação:

Os alunos comentaram as atividades das aulas anteriores e opinaram com mais propriedade sobre os conteúdos das mesmas.

Para apresentar enredos de histórias conhecidas os professores levaram para sala de aula uma vitrola antiga e passaram o disco com a história infantil dos Três Porquinhos.

Após ouvir, o grupo de alunos destacou características de conteúdos já aplicados sobre a estrutura do texto (início, meio e fim), compararam o papel do narrador com a função de repórter e perceberam várias semelhanças.

Por fim, os alunos foram orientados a trazerem para a próxima aula um texto destacando o que cada um gostou ou entendeu como relevante na história dos três porquinhos.

Conclusão:

O envolvimento da turma com as atividades propostas foi o que mais impressionou os professores e contribuiu para que a turma alcançasse o objetivo proposto. O uso da vitrola deixou a classe bastante motivada.

2ª Semana (12/04 à 14/04)

4ª AULA

Objetivo:

Adequação dos textos produzidos pelos alunos para a linguagem radiofônica.

Conteúdo:

1. Impressões dos alunos sobre a aula anterior.
2. Leitura e análise dos textos da aula anterior.
3. Pesquisa midiática.
4. Aplicação das características radiofônicas no texto.
5. Apresentar, como um desafio, a gravação de um texto de rádio.

Aplicação:

Os primeiros comentários foram sobre a seleção da parte mais importante da história dos Três Porquinhos. Estavam ansiosos para mostrar o que tinham produzido em casa. Cada aluno leu seu texto para a turma que identificava as diferenças de abordagem e a fidelidade ao roteiro proposto.

Em seguida, os professores propuseram a redução dos textos, desafiando os alunos a colocar a idéia principal de cada parágrafo em duas linhas ("texto manchetado").

Discutiu-se também o que os alunos gostam de ouvir no rádio, quais os programas preferidos e a importância que se dá ao aparelho de rádio. Onde cada um coloca o rádio em casa e porque? Ouvem quando estão desenvolvendo outras atividades.

Ainda nesta aula, os alunos foram estimulados a identificar áreas do interesse de cada um para gravação de textos em estúdio.

Conclusão:

O objetivo desta aula foi alcançado de forma parcial, visto que alguns alunos tiveram dificuldades para escrever a idéia principal do parágrafo em duas linhas. No entanto, as discussões sobre o destaque que cada um deu a história e as preferências de programação foram bastante proveitosas.

5ª AULA

Objetivo:

Valorização das habilidades individuais e áreas de interesse.

Conteúdo:

1. Impressões dos alunos sobre a aula anterior.
2. Explicar como e onde será feita a gravação.
3. Escolha coletiva dos temas a serem gravados.
4. Elaboração dos textos.

Aplicação:

Os professores explicaram que a gravação seria feita na próxima terça-feira, dia 19/04, nos estúdios da Universidade Metodista de São Paulo e que até lá, os textos já deveriam estar prontos e revisados.

Em seguida, os alunos apresentaram para a turma as áreas de interesse de cada um: atividade profissional, preocupações com uso de drogas, saúde da mulher, trânsito e segurança pública. A partir disso, os alunos escolheram os temas e começaram a elaborar os textos.

Conclusão:

A forma com que os alunos comentaram as aulas anteriores tem demonstrado quebra de barreiras como timidez e insegurança, além de demonstrar ampliação do poder de argumentação. O objetivo desta aula foi atingido, pois o perfil da classe pôde ser definido pelos interesses de cada aluno da turma.

6ª AULA**Objetivo:**

Valorização das habilidades individuais e áreas de interesse.

Conteúdo:

1. Impressões dos alunos sobre a aula anterior.
2. Leitura e correção de textos.
3. Orientação individual

Aplicação:

A turma foi dividida em quatro grupos para leitura e correção coletiva, cada professor orientou um grupo. Após sugestões dos colegas, os professores orientaram individualmente a finalização dos textos.

Conclusão:

A classe apresentou relevantes dificuldades de escrita. No entanto, o objeto desta aula foi alcançado, pois a apresentação à turma dos interesses individuais valorizou a opinião de cada aluno e gerou respeito e empatia entre os colegas.

3ª Semana (19/04 à 21/04)

7ª AULA

Objetivo:

Conhecer e utilizar um estúdio de rádio.

Conteúdo:

1. Gravar textos produzidos em sala de aula.
2. Apresentar como um novo desafio à produção de um texto no qual cada aluno contará, de forma livre, quem ele é.

Aplicação:

Os alunos foram divididos em quatro grupos para gravação dos textos no estúdio da Universidade Metodista de São Paulo. Conhecera a dinâmica de gravação em estúdio e questionaram o técnico de som sobre algumas curiosidades.

Após finalizar todas as gravações, os professores pediram aos alunos que desenvolvessem um texto no qual se apresentassem. A proposta era que eles escolhessem a forma e o conteúdo com criatividade, além de incluírem no texto uma pesquisa, com pessoas próximas, sobre suas características. O texto será gravado e irá compor um painel com recursos audiovisuais sobre a turma.

Conclusão:

O objetivo foi alcançado, pois os alunos demonstraram muito interesse pelo estúdio de rádio, o que não impediu o nervosismo na hora da gravação. A turma se comprometeu em trazer para a próxima aula o texto para o painel.

Obs: Esta foi a única aula desta semana em função de uma reunião de professores (20/04) e do feriado (21/04).

4ª Semana (26/04 à 28/04)

8ª AULA

Objetivo:

Identificar a intencionalidade de alguns produtos veiculados na mídia. Aplicar essa intencionalidade ao texto produzido.

Conteúdo:

1. Impressões dos alunos sobre a aula anterior.
2. Leitura e análise dos textos feitos no feriado.
3. Dinâmica de intencionalidade.

Aplicação:

Os alunos fizeram a leitura dos textos para a turma e os professores destacaram a importância da pesquisa.

Para ilustrar a importância e as dificuldades que o autor de uma ideia enfrenta para transmitir suas intenções de forma clara, os professores dividiram a classe em

duas equipes e desenvolveram o seguinte jogo: adivinhar nomes de músicas e filmes através de mímica.

Depois da dinâmica os professores explicaram para a classe os motivos do exercício e discutiram em grupo a intenção de alguns programas veiculados na mídia e a importância de se definir a intencionalidade de sua proposta antes de qualquer produção.

Conclusão:

Os objetivos para esta aula foram cumpridos, além disso, o exercício contribuiu para melhorar a integração entre os alunos.

9ª AULA

Objetivo:

Orientação final para os textos do perfil e proposta de um novo desafio.

Conteúdo:

1. Impressões dos alunos sobre a aula anterior.
2. Fechamento dos textos para perfil
3. Propor desafio para a turma criar um radiojornal.

Aplicação:

Os alunos fizeram a leitura de seus textos para toda classe e receberam críticas e sugestões dos colegas.

Os professores contaram para os alunos o novo desafio que seria produzir um radiojornal, foram dados alguns exemplos de programas e os alunos foram incitados a refletir sobre o formato, e quais temas seriam tratados.

Conclusão:

A classe tem apresentado melhora no desenvolvimento dos textos e participado de forma ativa nas discussões. A classe demonstrou interesse em assumir a produção do radiojornal. Nesta perspectiva, os objetivos da aula foram alcançados.

5ª Semana (de 03/05 à 05/05)

10ª AULA

Objetivo:

Gravar os textos produzidos para o perfil e fotografar os alunos para a finalização desta atividade. Diagnosticar o conhecimento dos alunos a respeito das funções dos profissionais do rádio, e a partir disso, iniciar um processo de conhecimento e aproximação destas funções.

Conteúdo:

1. Gravação dos textos elaborados pelos alunos para o painel

2. Fotografá-los para a elaboração do painel.
3. Discussões sobre as funções dos profissionais de um radiojornal.

Aplicação:

A sala de aula foi equipada com um microfone ligado a um gravador digital e duas máquinas fotográficas.

No primeiro momento, individualmente, os alunos gravaram os seus textos. A maioria cumpriu a atividade sem dificuldades, enquanto alguns tiveram problemas de leitura como gaguejar, trocar palavras, pronúncias incorretas.

Cada aluno foi fotografado individualmente.

Toda a turma se envolveu com os trabalhos e demonstrou animação a medida que cada um gravava o seu texto e tirava a sua foto.

Após o término da atividade, os alunos foram questionados a responder quais funções dos profissionais de rádio eles conheciam. As mais citadas foram: locutor, repórter e apresentador. Também mencionaram funções que não conheciam o nome correto, como coordenador, por exemplo, o qual foi chamado de produtor. Os professores explicaram estas funções e apresentaram as outras.

Conclusão:

As atividades de gravação e fotografia não foram atingidas com êxito devido a ausência de cinco alunos. Sobre as funções dos profissionais do rádio foi concluído que a turma, apesar de não conhecer a nomenclatura "técnica", soube identificar as funções a partir do que ouvem.

11ª AULA

Objetivo:

Início da produção dos radiojornais.

Conteúdo:

1. Apresentação do jornal da Metodista veiculado pela Rádio ABC.
2. Distribuição de funções para cada aluno.
3. Explicação, por grupo, das funções
4. Esclarecimento de dúvidas
5. Orientação para a produção dos radiojornais.

Aplicação:

A aula foi iniciada com a apresentação do jornal da Metodista para que os alunos observassem a linguagem e a organização de idéias no rádio. Alguns conseguiram identificar algumas funções como âncora e repórter.

A sala foi dividida em dois grupos para que cada um produza um radiojornal. Os professores também se dividiram para dar orientação específica para cada turma. As funções foram delegadas aos alunos, que assumiram suas respectivas responsabilidades. Estas funções foram definidas pelos professores que levaram em consideração o diagnóstico de cada aluno no decorrer das aulas.

Os grupos definiram o conteúdo de cada radiojornal a partir da escolha do público-alvo. Ao final, todos saíram cientes dos materiais que deveriam trazer para a próxima aula, como reportagens e notas.

Conclusão:

Os alunos mostraram-se interessados com a produção e satisfeitos com as funções. Surgiram dúvidas referentes as diferenças entre notas e reportagens as quais foram solucionadas até o término da aula. Repórteres e redatores saíram da reunião sabendo o tipo de texto que deveriam produzir. Deste modo pode-se afirmar que o objetivo da aula foi alcançado.

12ª AULA

Objetivo:

Continuar a produção dos radiojornais.

Conteúdo:

1. Orientação dos textos
2. Esclarecimento de dúvidas

Aplicação:

Nesta aula, todos os textos foram lidos e discutidos por professores e alunos. As reportagens não foram corrigidas de maneira a alterar o conteúdo. Os alunos apenas foram orientados a cerca de como os depoimentos dos entrevistados poderiam ser incluídos em cada texto. Dúvidas específicas sobre as funções de âncora, repórter ao vivo e apresentador foram esclarecidas.

Conclusão:

Os alunos tiveram certa dificuldade em diferenciar algumas funções, porém no decorrer da aula as dúvidas foram esclarecidas. Com a produção do radiojornal, os alunos estão percebendo a importância do trabalho em equipe. Todos se sentem responsáveis pelo resultado do trabalho sugerindo idéias e oferecendo ajuda uns para os outros.

6ª Semana (de 10/05 à 12/05)

13ª AULA

Objetivo:

Continuar a produção dos radiojornais

Conteúdo:

1. Definição de espelho.
2. Gravação dos textos dos repórteres

3. Definição dos nomes dos radiojornais

Aplicação:

No início da aula os alunos que desenvolviam a função de comentarista escolheram os textos que seriam analisados no dia da gravação do radiojornal.

Os coordenadores definiram a ordem dos conteúdos dos radiojornais levando em consideração a necessidade do jornal possuir um andamento coeso. Em alguns momentos, os coordenadores recorreram ao grupo para tomar algumas decisões. Foi possível observar a preocupação em atender o que acreditam ser necessidades da comunidade.

Com base no público-alvo, no conteúdo, na intencionalidade e no perfil de cada programa, os alunos decidiram os nomes dos jornais: Jornal Verdade e Jornal Livre.

Conclusão:

O objetivo da aula foi alcançado, pois a produção do radiojornal está avançando de maneira satisfatória.

Através das escolhas dos nomes dos programas foi possível observar a preocupação de cada grupo em prestar serviços à comunidade em que estão inseridos.

14ª AULA

Objetivo:

Continuar a produção dos radiojornais

Conteúdo:

1. Escolha e elaboração de vinhetas
2. Orientação para âncoras e comentaristas.

Aplicação:

Os âncoras receberam algumas sugestões do grupo sobre como conduzir cada radiojornal, além de orientações dos professores a cerca de como elaborar os próprios textos.

Os comentaristas fizeram individualmente um exercício para familiarizá-los à prática do comentário com o objetivo de desenvolver a improvisação e criticidade.

Cada grupo discutiu quantas e quais vinhetas seriam necessárias em cada radiojornal. No momento da definição dos conteúdos, os alunos atentaram-se à importância de cada uma e em que contexto elas seriam incluídas. Decidiram os intérpretes e deixaram claro qual seria o tom aplicado.

Conclusão:

Com exceção das vinhetas, toda a parte de conteúdo foi finalizada pelos grupos. Todos os integrantes participaram de maneira aplicada, não se limitando a apenas desempenhar a sua tarefa. Ética, cidadania e cooperativismo puderam ser percebidos no relacionamento dos alunos uns com os outros.

15ª AULA

Objetivo:

Finalização da produção dos radiojornais.

Conteúdo:

1. Escolha da trilha para as vinhetas
2. Gravação das vinhetas
3. Simulação dos radiojornais

Aplicação:

Alguns alunos trouxeram sugestões de músicas para serem inseridas nas vinhetas. Todos participaram da escolha levando em consideração a proposta de cada radiojornal. Em seguida os intérpretes gravaram os textos das vinhetas no gravador digital.

Com os radiojornais finalizados, cada grupo se organizou para apresentação de uma simulação dos programas. As turmas foram orientadas a fazerem exatamente como será no dia da gravação no estúdio, ou seja, ao vivo e sem cortes. Um grupo assistiu a simulação do outro.

Conclusão:

O objetivo foi alcançado a medida que os alunos cumpriram o desafio de elaborar um radiojornal em duas semanas. Com a simulação, foi possível observar segurança e força de vontade para a realização das atividades destinadas. A classe percebeu diferenças entre um radiojornal e outro, porém isso não foi alvo de críticas e sim de elogios, já que os próprios alunos souberam identificar que eram propostas distintas.

7ª Semana (17/05 à 19/05)

16ª AULA

Objetivo:

Gravação dos radiojornais nos estúdios da Universidade Metodista

Conteúdo:

Gravação do radiojornal.

Aplicação:

Os alunos foram até a Universidade Metodista para a gravação dos dois radiojornais produzidos em sala de aula. Ambos os grupos tiveram a oportunidade de realizar um último ensaio, o que proporcionou maior segurança para todos. O Jornal Verdade foi o primeiro a ser apresentado e os dois transcorreram sem imprevistos.

Conclusão:

Mais do que um resultado satisfatório, o desenvolvimento dos radiojornais pôde ser considerado peça fundamental no contexto do curso, já que os alunos produziram, discutiram, e analisaram não somente os conteúdos como também a responsabilidade

que envolve um veículo de comunicação. Assim, puderam perceber que são sujeitos ativos da sociedade.

CAPÍTULO VII - OUTROS PROJETOS

1. Educom.rádio

O Projeto Educom.rádio nasceu em 2001 de um contrato entre a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e o NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), visando atender a um dos objetivos do Projeto Vida que é o de construir, nas escolas públicas, um ambiente favorável às manifestações da cultura de paz e à colaboração mútua entre os membros da comunidade educativa, combatendo, desta forma, as manifestações da violência, tanto física quanto simbólica. Para tanto, o NCE trabalha com a linguagem radiofônica, envolvendo professores, alunos e membros da comunidade educativa.

O projeto destina-se, pois, a capacitar alunos e professores do ensino fundamental para o uso de práticas de educomunicação através do uso do rádio.

O EDUCOM - Educomunicação pelas ondas do rádio em São Paulo passou a ser lei municipal, de número 13.941, em dezembro de 2004.

De acordo com a nova lei, caberá ao poder municipal criar programas para “desenvolver e articular práticas de educomunicação, incluindo a radiodifusão restrita, a radiodifusão comunitária, bem como toda forma de veiculação midiática, de acordo com a legislação vigente, no âmbito da administração municipal”, além de “incentivar atividades de rádio e televisão comunitária em equipamentos públicos”. O governo municipal deverá, ainda, “capacitar, em atividades de educomunicação, os dirigentes e coordenadores de escolas e equipamentos de cultura do Município”.

2. Educomradio.centro-oeste

Entre março e junho de 2004, um grupo de profissionais da educação de 70 escolas do ensino médio da Região Centro-Oeste participaram do curso de aperfeiçoamento de caráter semipresencial oferecido pela Universidade de São Paulo intitulado "Educomunicação pelo rádio em escolas do ensino médio da Região Centro-Oeste", ou, simplesmente, educomradio Centro-oeste.

O programa está sendo implementado mediante um convênio entre o Ministério da Educação – MEC (através da SEED Secretaria de Educação à distância e da SEMT – Secretaria de Educação Média e Tecnológica) e a Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo - FUSP, sendo desenvolvido pelo NCE-ECA/USP – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O curso contou também com o apoio das Secretarias Estaduais de Educação dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

3. Programa de Rádio "Oficineiros da Inclusão"

O programa é uma parceria da Rádio MEC (do Ministério da Educação e Comunicação) com a ONG Escola de Gente - Comunicação em Inclusão. Produzido e

apresentado por seis jovens que fazem parte do projeto Oficineiros da Inclusão, da ONG Escola de Gente. O objetivo é disseminar informação de qualidade sobre o princípio da não-discriminação, levando aos ouvintes discussões e reflexões sobre a ética da diversidade, com foco na inclusão de pessoas com deficiência e respaldo na legislação brasileira que dispõe sobre o tema. A temática é abordada sob a ótica da juventude brasileira.

4. Projeto Rádio Escola Mauá

Capacitação de professores e alunos para a produção de programas radiofônicos na cidade de Mauá, região do ABC. Este projeto faz parte do núcleo de rádio da Universidade Metodista de São Paulo.

5. Rádio Favela

A Rádio Favela, localizada no Aglomerado da Serra na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, entrou no ar no ano de 1981 com o objetivo de ser um espaço para a divulgação da música e da cultura negra, falar da discriminação contra os moradores da favela e conscientizar os jovens da comunidade quanto aos problemas relacionados à violência e às drogas, agravados com a entrada do tráfego que então se instalava naquele local, levaram a que, algumas pessoas ligadas à organização de moradores, tomassem a iniciativa de montar uma rádio.

“A voz do morro” como é conhecida, começou a funcionar precariamente com um transmissor à bateria, um toca-disco à pilha (pois ainda não havia energia elétrica na favela) e equipamentos improvisados. Devido à forte repressão que existia no país, a rádio não podia permanecer em um mesmo local por muito tempo e mudava-se de barraco em barraco, ampliando gradativamente o número de pessoas da própria comunidade com ela envolvida.

Embora o funcionamento da Favela FM tenha sido marcado por interrupções não intencionais, devido a perseguições políticas e policiais (a rádio teve seus transmissores lacrados por três vezes), ou a situações de calamidade (o barraco onde funcionava o estúdio foi inundado na época das chuvas, no ano de 1995), a rádio persistiu e continua no ar.

Em 1996, a Rádio Favela, falando do alto de um aglomerado populacional onde moram atualmente mais de cento e sessenta mil habitantes, se institui legalmente como uma entidade cultural, reforça seu caráter comunitário e adquire um alvará de funcionamento fornecido pela Prefeitura.

O objetivo da Favela FM é manter uma produção radiofônica diferenciada das rádios comerciais. Mantendo-se próxima, tanto fisicamente quanto em termos de linguagem ao público ao qual se dirige, veiculando um discurso de valorização da favela e das pessoas que lá vivem, ressaltando positivities e denunciando problemas, procura realizar um trabalho de informação quanto a direitos e cidadania.

A popularidade e o caráter comunitário se relacionam à identificação e proximidade entre a rádio e os ouvintes.

A idéia é valorizar a "lógica interna do morro", com sua fala, símbolos, gírias e traduzir para essa linguagem, discursos e informações às vezes distantes de sua

realidade. Conscientização quanto a direitos, denúncia à postura abusiva da polícia no morro, questões relacionadas a drogas e violência, discriminação racial, melhorias nas áreas de saúde, infra-estrutura, saneamento são temas constantemente discutidos na rádio.

O público, através de sua participação, parece aprovar e reforçar a linha seguida pela rádio.

A existência de um veículo de comunicação com essas características significa, principalmente, uma ampliação das possibilidades de expressão cultural e política a grupos que normalmente, não têm acesso à participação nos meios de comunicação.

A rádio funciona como referencial para ouvintes de diferentes localidades de baixa renda, podendo possibilitar ações integradas para melhorar sua qualidade de vida ou lutar por direitos comuns. Através da diversidade de seu discurso possibilita que uma identificação se construa e se afirme uma identidade, que surja o que se pode chamar de uma 'comunidade de ouvintes'. Significa concretamente uma forma de organização para além das formas tradicionais, que atualmente sensibilizam pouco e dificilmente são capazes de mobilização, sobretudo entre as camadas jovens da população.

"Você está na favela". Como sugere uma das vinhetas veiculadas na Rádio, uma de suas importantes realizações é levar para o restante da "cidade" um pouco da realidade vivida pelos moradores das favelas. Mas a Favela FM conquista hoje, público dentro e fora do morro e comemora o aumento da audiência, alcançando altos índices em pesquisas do IBOPE.

Ampliando seu alcance, possibilita não a anulação das diferenças existentes entre esses dois universos distintos, o da favela e o do asfalto, segue afirmando uma diversidade, porém permite uma comunicação, uma aproximação entre ambos e possibilita a diminuição das distâncias e desigualdades.

A rádio funciona com uma programação variada e com conteúdo de três comunidades – uma sede e dois pontos de apoio. Grande parte da programação é montada por sugestão de ouvintes.

Representantes da Prefeitura de Belo Horizonte, nas áreas de saúde, educação e serviço social vão a Rádio Favela, uma vez por semana, para tirar dúvidas da população.

A potência dos equipamentos de transmissão leva as ondas da rádio à aproximadamente 100km², o que corresponde à cidade de Belo Horizonte e região metropolitana. Logo, os ouvintes deixaram de ser apenas os moradores de favelas, mas a linguagem não se adaptou a esta nova demanda.

A tão sonhada concessão, que legaliza o funcionamento da Rádio Favela como rádio educativa, não trouxe a liberdade esperada, pelo contrário, aumentou a burocracia e, segundo o presidente e fundador da emissora Misael, tem sido muito pior do que antes da concessão.

6. Rádio Heliópolis

Em 08 de maio de 1992 nasceu a primeira versão da "Rádio Popular de Heliópolis", funcionando como uma rádio poste, com cornetas instaladas em dois

pontos da favela. Cinco anos depois, em 27 de agosto de 1997, foi montada a Rádio Comunitária.

Com apoio da Action.aid.Brasil, no ano de 2003, as instalações da rádio, que funcionavam em cima da creche do bairro, foram alteradas para dentro da Associação dos Moradores – UNAS – tendo como estratégia criar um espaço alternativo à mídia, que combatesse a pobreza e a manipulação dos meios de comunicação.

A Rádio Heliópolis atinge cerca de 120 mil habitantes e uma extensão de um milhão de metros quadrados, além dos bairros: São João Clímaco, Jardim Patente, Vila Vera, Moinho Velho, Vila Alpina, Vila Prudente, Sacoman e grande parte da cidade de São Caetano, município vizinho a Heliópolis.

Com equipamentos básicos, a rádio está instalada em uma pequena sala com poucos recursos e infra-estrutura.

A programação é basicamente musical e não constam notícias nos programas, porém a prestação de serviços é muito explorada. Através da rádio, os moradores têm contato com órgãos públicos, como a Subprefeitura do Ipiranga, e também às empresas que prestam serviços a sociedade, como a Eletropaulo. Com denúncias e queixas os locutores travam verdadeiras batalhas a favor da população da favela.

Na visita, pudemos acompanhar a apresentação de um programa apresentado por uma jovem de 22 anos. Nele, cerca de 18 músicas foram tocadas entre um intervalo e outro, a locutora Claudia Neves informa aos ouvintes o horóscopo, dicas de bons lugares na região e o desaparecimento de uma garota da comunidade.

A maioria dos programas não tem planejamento e vão ao ar conforme os pedidos de músicas feitos pelos ouvintes por telefone.

Entre os prêmios que a rádio ganhou destaca-se o “Ação Social pela promoção da Cidadania” da Associação Paulista dos Críticos de Arte de São Paulo (APCA) no ano de 2003.

A Polícia Federal ameaçou fechar a Rádio Heliópolis nos anos de 1999 e 2000 e a ANATEL teve o mesmo objetivo em 2004, porém tamanha foi a mobilização para manter a rádio funcionando que a discussão terminou com o compromisso do Governo Federal em dar encaminhamento ao processo de concessão, transformando o veículo em rádio educativa, como aconteceu em Belo Horizonte com a Rádio Favela.

7. Associação Imagem Comunitária

Há 11 anos a Associação Imagem Comunitária (AIC), localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, realiza produções audiovisuais, oficinas, cursos, pesquisas, consultorias, eventos e publicações. A Associação tem como principal objetivo formar grupos diversificados para que exerçam o direito ao acesso público e aos meios de comunicação. A entidade já trabalhou com a população de rua, usuários de serviços de saúde mental, crianças que vivem em vilas e favelas, jovens em situação de risco social, grupos de defesa dos direitos humanos e que desenvolvem projetos de cidadania, entre outros. A idéia da AIC é fazer com que as comunidades (em especial, os segmentos que enfrentam situações de exclusão social) se apropriem dos meios de comunicação de uma maneira ativa através de uma recepção crítica e da produção de formas simbólicas.

A AIC desenvolve o projeto Rede Jovem de Cidadania, patrocinado pela Petrobrás, que funciona como uma rede de comunicação comunitária e envolve centenas de adolescentes e jovens, provenientes de todas as regiões de Belo Horizonte. Eles estão à frente da criação de produções em diversos meios de comunicação, que chegam a toda a população mineira.

A iniciativa mobiliza mais de 250 entidades e grupos ligados à juventude, a mobilização comunitária já atinge cerca de cinco mil pessoas, e as produções chegam semanalmente a mais de 500 mil telespectadores, ouvintes, internautas e leitores.

Outro projeto da AIC é o Juventude, Cultura e Comunicação (CUCO) patrocinado pelo Instituto Credicard, e desenvolvido desde 2004 através do Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro, que apóia a geração de referências metodológicas em educação para o empreendedorismo juvenil.

Dezenas de jovens multiplicadores estão desenvolvendo, em parceria com movimentos populares e escolas públicas, iniciativas de rádio comunitária em todas as regiões de Belo Horizonte. Os próprios jovens idealizaram as experiências e elaboraram um plano de ação para implantar em suas comunidades. A proposta é trabalhar com frentes diversificadas, tais como: rádios no pátio de escolas, web-rádios, emissoras móveis e programas para as rádios comunitárias já existentes nas localidades.

CAPÍTULO VIII - CUSTOS DO PROJETO

Custos do primeiro bimestre do curso de Agente de Comunicação em Rádio

Descrição	Valor
Produção do painel áudio-visual	R\$450,00
Arte e produção do CD	R\$206,00
Transporte dos professores	R\$960,00
Outros	R\$80,00
TOTAL	R\$1696,00
Salário da equipe de professores	R\$955,00
Vale transporte	R\$270,00

CAPÍTULO IX - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dificuldades encontradas

Inicialmente o projeto estava planejado para ser realizado em formato de oficina com duração de três meses: de 22 de fevereiro a 22 de maio. No entanto, a adaptação às propostas do Programa Integrado de Qualificação e ao calendário letivo do Departamento de Educação do Trabalhador só permitiu o início das aulas em 4 de abril.

A heterogeneidade da classe e a falta de experiência pedagógica exigiram do grupo dedicação extra nas atividades com a coordenação do curso para encontrar

ferramentas e soluções adequadas para melhorar o aproveitamento dos alunos com relação aos conteúdos aplicados.

Alguns professores apresentaram resistência em relacionar os conteúdos do núcleo comum com o núcleo específico (interdisciplinaridade) e em aplicar a Educomunicação.

A falta de infra-estrutura e equipamentos adequados a atividades práticas diretamente relacionadas à produção radiofônica forçou a adaptação de alguns conteúdos.

Reflexão

Este primeiro bimestre de atividades junto à comunidade do Tamarutaca demonstrou o potencial e a aptidão dos alunos matriculados no curso de Agente de Comunicação em Rádio, o que prova a viabilidade desta iniciativa.

A fusão de educação e comunicação demonstrou sucesso ao ser aplicada no processo de aprendizagem de educação para o trabalho. Por ser uma iniciativa pioneira, representa um ramo de atuação em ascensão para o profissional de jornalismo.

Apenas na cidade de Santo André, o mesmo projeto pode ser aplicado em outros seis Centros Públicos de Formação Profissional e produzir material educacional para outras cento e vinte salas do Movimento de Alfabetização para Jovens e Adultos (MOVA) do município. Tal expansão absorveria não apenas os quatro estudantes envolvidos, mas também outros alunos da carreira de comunicação social.

Esta experiência deixou claro para o grupo que a democratização do conhecimento leva à cidadania e que, apesar das dificuldades, acreditar no próximo é o mínimo que podemos fazer para a construção de uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Adriana. **Escola e Comunicação: o rádio como instrumento de cidadania**. Disponível em www.educomradio.com.br. Último acesso em: 15 mai. 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.
- FREINET, Celestin. **Pedagogia do bom senso**. Trad. J. Baptista. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1985.
- FREINET, Élise. **Nascimento de uma pedagogia popular: métodos Freinet**. Lisboa: Estampa, 1978.
- FREIRE, Madalena. **Avaliação e Planejamento. A Prática educativa em questão. Instrumentos metodológicos II**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 56-59.

- FREIRE, Madalena. **Observação, Registro e Reflexão. Instrumentos metodológicos I.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 10-13.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra: 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna.** 24. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- GUIMARÃES, Margaret de Oliveira. **Comunicação e Educação: A Perspectiva do Receptor.** Revista Comunicação & Educação nº 20, São Paulo, jan/abr. 2002.
- NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompee do. **A Pedagogia Freinet: Natureza, Educação e Sociedade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- NASSAR, Katy. **Mario Kaplún: Comunicação educativa: proposta de transformação social.** São Bernardo do Campo, 1999.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos.** In ECCOS, São Paulo: Uninove, 2000. p.61-80.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação.** Revista Comunicação & Educação nº 20, São Paulo, jan/abr. 2002. p. 16 a 25.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Metodologia da educação para a comunicação e gesto comunicativa no Brasil e na América Latina.** In BACCEGA, Maria Aparecida. Gestão de Processo Comunicacionais. São Paulo: Ed. Atlas. p.113-132.
- WEISS, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1999. p.65-82.